

Narrativas chinesas sobre a Amazônia — entre cooperação e disputa de sentido¹

Gabriela Beraldo Rodriguez²

Universidade de São Paulo

RESUMO

A consolidação de parcerias Brasil-China, sobretudo na cooperação ambiental, e o ciclo da COP30 ampliaram a presença da Amazônia na mídia chinesa em português, ainda pouco estudada na comunicação brasileira. Investiga-se como CGTN, Xinhua e China Hoje enquadram a Amazônia entre 2022 e 2026, identificando modulações por veículo. Ancorado na análise de enquadramento (Entman, 1993) e em diálogo com a comunicação pública da ciência (Bucchi; Trench, 2021) e estudos sobre desinformação (Wardle; Derakhshan, 2017), apresenta análise piloto de 21 matérias. Emergem quatro frames recorrentes — cooperação Sul-Sul, oportunidade econômica, biodiversidade e cooperação científica — enquanto a ausência dos frames previstos de civilização ecológica e soberania e silêncios de vozes diretas de populações locais e tradicionais configuram achados centrais.

PALAVRAS-CHAVE: China; Amazônia; Comunicação.

1. Introdução

A China tem se apresentado como um interlocutor com características diferentes de outras potências mundiais. Seus acordos de cooperação são marcados pela proteção da soberania das Nações envolvidas e o compartilhamento de experiências e técnicas desenvolvidas a partir de uma política robusta de incentivo à ciência e tecnologia. Tais relações também podem ser observadas do ponto de vista comunicacional, ao avaliarmos as diferentes narrativas, expressas por diferentes atores, acerca das relações estabelecidas entre China e seus parceiros. Assim, a comunicação internacional torna-se vetor estratégico da relação bilateral e multilateral entre países, incluindo a relação Brasil China, quando a temática é Meio Ambiente. Nesta pesquisa, se analisa a forma como a mídia internacional chinesa em português é parte ativa dessa engenharia de aproximação. Sua análise permite avaliar uma possível disputa de sentido: como a Amazônia é narrada determina como ela é apropriada politicamente.

¹ Trabalho apresentado no 2o. Colóquio Brasil X China de Ciências da Comunicação, evento componente do 49o. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom, Brasília, 2026.

² Jornalista pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM -SP). Mestra e doutoranda no Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (Prolam USP), na linha de pesquisa Comunicação e Cultura. Assessora técnica na Organização do Tratado de Cooperação Amazônica (OTCA) e Diretora de Comunicação do Centro de Estudos Avançados Brasil-China (CEBRACH).

Assim, a pergunta que permeia esta pesquisa é: *como a Amazônia é enquadrada pela mídia internacional chinesa dirigida ao público lusófono entre 2022 e 2026, e que modulações discursivas distinguem CGTN Português, Xinhua Português e China Hoje?* Os objetivos do artigo são: (a) mapear os enquadramentos recorrentes da Amazônia nos três veículos; (b) comparar as modulações por veículo; (c) identificar o enquadramento do tema por tais veículos.

A pesquisa busca contribuir para três debates: (1) estudos brasileiros sobre a China no campo da comunicação, ainda incipientes; (2) comunicação pública da ciência e questões ambientais sob disputa internacional; (3) análise de enquadramento aplicada a veículos não ocidentais voltados ao Sul Global.

2. Fundamentação teórica

A análise dos veículos foi feita a partir do conceito de enquadramento de Robert M. Entman (1993), ancorado nas tradições de Goffman e Gamson. O autor define enquadramento (framing) como a ação de tornar certos aspectos mais salientes (salient) em uma comunicação, a partir do objetivo do emissor da mensagem. Segundo o autor, o enquadramento pode ter quatro funções - não obrigatórias, nem excludentes -, sendo elas: definir problemas, diagnosticar causas, fazer julgamentos morais, e sugerir remediações. Tais funções podem ser identificadas em quatro lugares: no comunicador, no texto, no receptor e na cultura. Portanto, a análise de enquadramento busca identificar elementos no texto que possam indicar a posição dos veículos chineses acerca da Amazônia, no período analisado.

A escolha de analisar a China está relacionada à política nacional de “going global”, conforme analisa Sun (2010). Tais esforços buscam ser uma contrapartida à narrativa da “ameaça chinesa” (Pautasso, Maia, 2026), que se estabeleceu ao longo das décadas na mídia hegemônica ocidental, partindo de premissas etnocêntricas, imperiais e neoliberais. Sun (2010) nos mostra que, a partir dos anos 2000, o governo chinês buscou expandir sua presença na mídia internacional com seus veículos estatais, o que levou a um crescimento exponencial da presença de veículos como CGTN e Xinhua, que inclui a produção de conteúdos em diversos idiomas, entre eles o português. Tal movimento faz parte de uma prática de soft power da diplomacia chinesa, mas que engloba objetivos e técnicas para além de uma simples propaganda do governo desse país.

Por fim, a pesquisa irá se inserir no debate sobre a comunicação científica climática e ambiental. O arcabouço teórico permitirá realizar uma análise crítica do discurso

(ACD) (Bahktin) a partir dos enquadramentos identificados nas peças comunicacionais analisadas. Para entender o enquadramento sobre meio ambiente e clima nas mídias internacionais chinesas lusófonas, o objeto escolhido (Amazônia) e o recorte temporal (2023-2025) são excepcionalmente ricos, pois o período abre com a Declaração de Belém (2023), assinada pelos oito Países Membros da OTCA), e fecha com a realização da COP30 em Belém.

3. Procedimentos metodológicos

Primeiramente, é necessário enfatizar que se apresenta uma pesquisa que ainda está em andamento, de caráter qualitativo-quantitativo e, conforme já apontado, sustentada na teoria do enquadramento. O presente resumo expandido, portanto, busca trazer os resultados preliminares, uma análise piloto do problema proposto e localizar o trabalho no escopo de investigações sobre a comunicação em torno da Amazônia. O recorte temporal da coleta de dados para amostra foi de janeiro de 2023 a junho de 2026, correspondentes à reaproximação Brasil-China (terceiro governo Lula) e a Declaração de Belém (OTCA – 2023) e ao ciclo COP30 (novembro de 2025) e seus desdobramentos (até junho de 2026). Foram incluídas matérias que usam diretamente o termo “Amazônica”, ou termos correlatos (“Amazonas”, “Amazônia”), figurado como tema central ou estruturante, com pelo menos um parágrafo substantivo dedicado. As buscas foram feitas de forma direta nos sites dos veículos e, complementarmente, busca avançada. Os três veículos analisados têm propostas distintas, e por isso foram elencados: CGTN é braço internacional do China Media Group e possui um perfil telejornalístico. Já o Xinhua é uma agência estatal, que tem uma proposta de realizar despachos e republicação. Por fim, o China Hoje é uma revista mensal do CICG (China International Communication Group), mas com publicação regular de notícias em seu site.

Do universo coletado, foi extraída amostra estratificada de 21 matérias para análise piloto, respeitando: estratificação proporcional aos três veículos, garantindo representação de cada um; e distribuição temporal homogênea ao longo do recorte temporal para análise preliminar (2024-2026). Compreende-se que a amostra piloto não exaure a pesquisa e não representa o universo total dentro dos recortes propostos, mas tem como função validar a tipologia de enquadramentos e gerar hipóteses preliminares. Em seguida, foi realizada codificação com base nos quatro elementos de Entman (1993). Para cada matéria, identificou-se: i. definição do problema, ii. interpretação causal, iii. julgamento moral

subjacente, iv. recomendação de tratamento/ação. A codificação foi registrada em planilha, contendo também detalhes de cada matéria. A construção da tipologia se deu em duas etapas. Inicialmente, a partir da literatura sobre comunicação internacional chinesa, diplomacia ambiental e estudos brasileiros sobre cobertura da China, propôs-se uma tipologia de cinco enquadramentos esperáveis: cooperação Sul-Sul, oportunidade econômica, civilização ecológica, soberania e biodiversidade. Após a coleta, a tipologia foi ajustada. Por fim, com atenção à necessidade de se identificar os silêncios como parte da teoria do enquadramento, buscou-se propor um primeiro mapeamento das ausências temáticas e discursivas nas matérias analisadas.

4. Resultados preliminares

As 21 matérias da amostra apresentaram 4 enquadramentos recorrentes, 1 ausência relevante e uma categoria residual. As matérias da amostra foram selecionadas a fim de manter uma distribuição pelo recorte temporal.

O enquadramento “Cooperação Sul-Sul” foi atribuído a 6 matérias, predominantemente no China Hoje (3). O enquadramento foi dado a matérias que abordaram algum mecanismo direto de cooperação, envolvendo a China ou não. Isso se encaixa em uma observação preliminar mais geral sobre o veículo, que aparenta ter tom mais analítico, citando atores brasileiros e chineses como pares estratégicos. Um exemplo seria a matéria “COP30: Por uma nova governança climática”, que apresenta uma análise da COP30 e traz diretamente uma valorização da cooperação entre países do Sul Global.

Também para 6 matérias foi atribuído o enquadramento “Oportunidade econômica”. Este enquadramento apareceu mais no Xinhua Português (4 matérias). Na amostra, é relevante que o frame está consistentemente associado à narrativa de soja, carne e minérios brasileiros como casos de sustentabilidade — a mesma cadeia produtiva que a literatura brasileira aponta como vetor histórico de desmatamento. Ou seja, em um primeiro momento podemos apontar que os veículos chineses estão interessados em apontar ações que são feitas a partir dessas crises ambientais, muitas vezes divulgando cooperações institucionais e científicas. Em outras palavras, os veículos chineses buscam apresentar soluções para os problemas, mais que os problemas em si, mas há matérias focadas em

pesquisas que apontam os perigos que a Floresta Amazônica corre frente às mudanças climáticas.

Em seguida, com 5 matérias, está o frame “Biodiversidade”, que engloba matérias com foco na ameaça ao bioma e também nas oportunidades advindas da região com a maior biodiversidade do planeta. Por conta dessa segunda definição do frame, muitas matérias sobre cooperação científica tiveram como segundo o enquadramento o frame “Biodiversidade”, seja essa cooperação com a China ou não - a exemplo do veículo Xinhua, que apresenta matérias que apenas divulga pesquisas brasileiras. Por fim, após a coleta de amostragem se propôs um novo frame: “cooperação científica”, que foi atribuído a 4 matérias. Apesar de estar no escopo de “Cooperação Sul Sul”, o número relevante de matérias que de forma direta (citando explicitamente “cooperação científica”) ou indireta tratam do tema fez com que fosse relevante criar um frame específico.

Por fim, a amostra permitiu também iniciar o mapeamento dos silêncios presentes nas matérias em português dos veículos chineses analisados. Entre os frames apontados como hipóteses no início da coleta, dois não apareceram: “civilização ecológica” e “soberania”. Uma hipótese preliminar da ausência do primeiro seria que o conteúdo dos veículos é direcionado ao público brasileiro, de forma que léxicos da política e do debate filosófico chinês podem não ter significado direto para este público. O segundo não aparece de forma direta, mesmo em matérias que poderiam mobilizar o tema, os veículos optam por uma resposta factual, em vez de retórica soberanista. Sugere uma estratégia discursiva construtiva e cooperativa, não confrontacional, alinhada a um posicionamento de “parceiro do Sul” e cooperação entre países, mais do que focar nas ameaças advindas de países do Norte Global.

Além disso, outro silêncio notável é o de vozes das populações locais e tradicionais da Região Amazônica. Nas 21 matérias da amostra, povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas e comunidades tradicionais aparecem como objeto do discurso — categoria a proteger, beneficiária de cooperação, vítima de eventos climáticos — mas quase nunca como sujeito que fala. Há diferentes hipóteses sobre essa ausência, incluindo limitações técnicas e operacionais dos veículos, mas é importante pontuar essa ausência. Como afirmam Mendonça e Simões (2012), há uma diferença entre quem patrocina o enquadramento e quem é deslocado para a posição de objeto, de forma que sugere que os veículos chineses seguem o

mesmo que outros veículos da mídia hegemônica, que pouco dão espaço para a Amazônia falar de dentro.

Portanto, a análise piloto confirma a hipótese de heterogeneidade institucional anunciada na fundamentação. Os três veículos modulam o discurso de modos distintos: o CGTN Português aparece como vitrine relacional, mistura cooperação científica, oportunidade econômica e registro cultural, com um tom mais celebrativo; o Xinhua Português atua como uma agência factual ampliada, com cobertura mais volumosa e diversa; é a única que dá espaço significativo ao frame biodiversidade, mobilizando consistentemente ciência ambiental brasileira como fonte; por fim, o China Hoje se apresenta como um registro estratégico-político, pois quase todas as matérias coletadas são enquadradas em cooperação Sul-Sul ou científica, possui um tom analítico, apresentando Brasil e China como par estratégico no Sul Global.

REFERÊNCIAS

BUCCHI, M.; TRENCH, B. (org.). **Routledge handbook of public communication of science and technology**. 3. ed. London: Routledge, 2021.

ENTMAN, R. M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

HANSEN, M. H.; LI, H.; SVARVERUD, R. Ecological civilization: interpreting the Chinese past, projecting the global future. **Global Environmental Change**, v. 53, p. 195-203, 2018.

SANTINI, R. M.; BARROS, C. E. Negacionismo climático e desinformação online: uma revisão de escopo. **Liinc em Revista**, v. 18, n. 1, 2022.

SUN, W. Mission impossible? Soft power, communication capacity, and the globalization of Chinese media. **International Journal of Communication**, v. 4, p. 54-72, 2010.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Strasbourg: Council of Europe, 2017.